O comunicado do general Deslandes de 8 de Outubro de 1961, no qual dá por terminadas as operações militares numa área composta pelos distritos de Luanda e do Cuanza Norte, é um exemplo flagrante de desconhecimento das fases clássicas da guerrilha e um caso de candura militar. Estas primeiras operações de limpeza significam não o termo da violência anticolonialista mas o fim da primeira etapa de uma guerra de guerrilhas que consiste na rebelião de surpresa. Esta insurreição sem aviso derrota-se com um grande número de tropas que, actuando de modo convencional – o que aconteceu em Angola –, reconquista posições fixas, cidades, linhas de trânsito. Três outras fases, de contornos incertos, suceder-se-ão ainda na guerra de Angola.

A "GUERRA DE DESGASTE"

Entre 1962 e 1965, *grosso modo*, dá-se a segunda fase da guerra. Neste período, a guerrilha independentista, após a perda de posições no terreno, passa à retracção defensiva, recuando o seu dispositivo operacional para zonas de mata emaranhada, formando aí núcleos de resistência bastante seguros. O dispositivo de força português, após a surpresa causada pelo aparecimento da guerrilha, não voltará a revelar-se incauto. Deste modo, quando o MPLA – o inimigo principal e por isso a causa primeira das rápidas respostas e antecipações tácticas portuguesas – instala a sua direcção (Neto, Lara, Iko, Henda, Chipenda e Aníbal Neto, entre alguns outros) em Brazaville, em 1963, Cabinda é de imediato reforçada; e, quando a Zâmbia se torna independente em 1964, prevendo-se a abertura de uma nova frente a leste, são enviados para o Moxico homens e material. Entretanto, enquanto o MPLA e a FNLA se golpeiam – ao longo de toda a guerra o ódio interétnico não ces-

sará de aumentar, chegando o *Stammeshaß*, ou ódio tribal, a sobrepor-se ao *Rassenhaß*, ou ódio rácico –, a tropa portuguesa opta pela quadrícula como forma de ocupação do terreno e incumbirá às suas forças especiais o ataque aos ninhos de guerrilheiros.

Na fase seguinte – a terceira fase desta guerra de desgaste que durou 13 anos –, sensivelmente entre 1966 e 1968, assiste-se à estabilização das forças guerrilheiras, o que lhes permitirá a diversificação de frentes, tanto quanto se pode falar de "frente" numa guerra de guerrilha. É em 1966 que o MPLA – em crise de crescimento resultante da clarificação interna e consequente aumento de poder de António Agostinho Neto –, após certificar-se do apoio da Zâmbia, abre a sua 3.ª Região Militar, a frente Leste, sob o comando de Hoji Ya Henda, um dos heróis do MPLA que os portugueses conseguem matar.

Uma das alterações ao aparelho militar português para fazer frente a esta abertura a leste do MPLA foi a introdução, entre outras unidades navais, de três lanchas de desembarque pequenas (LDP) nesta vasta zona de rios extensos. Estas LDP, embora lanchas de desembarque, serviram basicamente como meios de fiscalização das fronteiras e como elementos de apoio às manobras logísticas das tropas portuguesas. Em 1966, foi enviada a primeira das lanchas para a Lumbala, nas margens do Zambeze, no Cazombo; em 1967, seguiu a segunda lancha para o Chiume, junto ao rio Cuando; e em 1968, a terceira para o Cuito, no Sudeste angolano. Um facto curioso, e excelente indicador das dificuldades enfrentadas e superadas pelos militares portugueses, prende-se com o transporte da primeira das LDP mencionadas. Esta lancha, vinda de Santo António do Zaire, no Norte, e tendo como destino a Lumbala, começou por navegar junto à costa até Luanda, foi depois cortada ao meio, de seguida as duas partes foram transportadas durante 350 quilómetros por estrada e 1300

por caminho-de-ferro até à Lumbala, sendo aí soldada, reconstruída.

Aliás, quanto à actuação das forças da Marinha, merece natural relevo as que foram executadas pelos fuzileiros especiais, apoiados pelos fuzileiros navais e outros. Nos primeiros anos da guerra, os fuzileiros – a quem os comandos, por pirraça competitiva, chamavam *fugileiros* – actuaram principalmente na zona dominada pelo rio Zaire, tendo estado dois destacamentos em Santo António do Zaire. Mais tarde o esquema foi alterado, passando a funcionar três destacamentos de fuzileiros especiais no rio Zaire. Estes destacamentos dividiram-se em secções que guarneciam postos isolados ao longo do mítico rio, tendo por missão patrulhar as águas em botes de borracha e fazer incursões em terra. Com a pressão do MPLA a partir de 1966 no Leste, os Destacamentos de Fuzileiros Especiais (DFE) foram substituídos pelas Companhias de Fuzileiros Navais (CF) e passaram para a nova frente de guerrilha, actuando como unidades de intervenção tal como os comandos ou os páras. Por sua vez, as companhias de fuzileiros navais, cuja primeira base no Sul foi em Vila Nova da Armada, nas verdadeiras "terras do fim do mundo", isto é, no Cuando-Cubango, passaram a patrulhar os longos rios. Refira-se que, na resposta portuguesa à mega-operação do MPLA "Rota Agostinho Neto", tiveram acção de relevo os destacamentos de fuzileiros especiais do Chilombo – junto ao Zambeze, e cuja zona de actuação principal era este rio e o rio Luena – e do Lungué-Bungo.

[Esta nova Região Militar do MPLA surge após os Dembos/I RM, aberta em 1961, que inclui os distritos do Zaire, Luanda, Uíge e Cuanza-Norte, e, após Cabinda/II RM, inaugurada em 1964 e que inclui apenas o luxuriante enclave de Cabinda, riquíssimo em madeiras, minérios e petróleo. Estas

três primeiras regiões militares foram as que mais luta deram aos militares portugueses, contrastando assim com as militarmente pouco expressivas, mesmo débeis, três últimas – a IV Região Militar (distritos de Malange e Luanda), a V RM (Cuanza-Sul, Benguela, Huambo e Bié) e a VI RM (Huíla, Moçâmedes e Cunene). Ainda sobre a actividade de guerra nas terras do Leste – nesses "Cus de Judas", de Lobo Antunes, romance de indiscutível qualidade literária, imaginativo, mas de quase nula fiabilidade factual –, destaque-se o facto, mais interessante do que importante, de ter existido uma anacrónica unidade militar a cavalo. Não era novidade absoluta, uma vez que existiu tropa a cavalo, no Sul de Angola, nas campanhas do fim século XIX e do princípio do século XX. Em 1966 e 1967, a título exploratório, formou-se um pelotão de cavaleiros que foi integrado nos Dragões, Grupo de Cavalaria n.º 1, com base em Silva Porto. Os animais foram comprados na República da África do Sul e, mais tarde, na Argentina, tendo-se chegado ao número de 400 cabeças (houve, depois, uma unidade semelhante em Vila Pery, em Moçambique, mas que, contrariamente à unidade primeira, não chegou a entrar em acções de guerra).

As vantagens desta tropa montada em relação à tropa apeada eram as seguintes: ser capaz de fazer operações muito mais longas; dificultar em extremo as emboscadas inimigas, visto que, com os cavalos, facilmente abriam frentes de 500 metros; conseguir reacções mais rápidas; ser muito mais silenciosa que a tropa helitransportada ou transportada em *Berliet* e *Unimog*; chegar mais fresca à zona de combate (e não derreada como não raro sucedia com a tropa a pé, que, aliás, se transfigurava com a aproximação do objectivo e com os primeiros tiros); ter mais mobilidade; e conseguir mais

facilmente o avassalador efeito-surpresa. Quanto às desvantagens, estas iam desde problemas com as rações para os animais (rações bem necessárias porque não raramente, pastando à toa, os cavalos sofriam intoxicações graves e cólicas) até ao peso dos pelotões de 47 elementos, com cerca de um terço na recolha dos cavalos (quando o pelotão apeado era de 25 a 30 elementos e todos engajados no combate directo), passando por um período de treino mais longo e complexo para homens e cavalos.

A primeira acção operacional a cavalo deu-se em 1970, contra o MPLA, e a unidade operacional que a executou dependia tecnicamente dos Dragões e, operacionalmente, como força de intervenção, da Zona Militar Leste. Esta unidade estava baseada no Munhango, apeadeiro dos caminho-de-Ferro de Benguela e terra natal de Jonas Savimbi, essa personagem "das trevas", essa poderosa, fascinante, figura conradiana.]

O MPLA, por esta altura, é fortemente apoiado pela URSS e seus satélites, conta com um efectivo guerrilheiro que varia entre os 3000 e os 4500 elementos. O seu armamento de Infantaria é já superior ao dos portugueses, constando, fundamentalmente, das seguintes peças: a já então famosa automática *Kalashnikov;* a semi automática *Simonov,* que não era nada de especial; a pistola-metralhadora *PPSH*, conhecida como "costureirinha" pelo seu inconfundível som de "picotar"; a elegante pistola *Tokarev*; os lança-granadas-foguete, introduzidos em 1970, no Cuando-Cubango; as metralhadoras *Degtyarev*; os morteiros de 60 mm e de 82 mm; minas de diverso tipo, quer anti carro quer anti pessoal, e granadas de mão italianas. Nesta terceira fase da guerra, o MPLA, no Leste, ataca em força no quadrado do Cazombo, par-

tindo dos santuários de Dilolo e de Kolwezi. Depois expande-se pelas províncias do Moxico e do Cuando Cubango.

[Em Angola, mas também na Guiné e em Moçambique, duas armas individuais atingem um estatuto ímpar: a *G-3* e a *Kalashnikov*. A russa *Kalash,* diminutivo pelo qual a arma era normalmente designada, foi a grande opositora da *G-3* (patente alemã da *Heckler und Koch* e fabricada, sob contrato, em Portugal, a partir de 1963) – o grande duelo da Guerra de África dá-se com, e entre, elas. A automática *Kalashnikov,* em comparação com a *G-3,* é uma arma mais pequena (870 para 1025 mm), mais leve (4,8 para 5,025 quilos), de mais fácil manejo e desmontagem, com uma mais veloz cadência máxima de tiro, com maior precisão de fogo, com carregadores curvos de mais balas (30 para 20) e uma melhor reacção a condições adversas (lama ou longos períodos de tiro, por exemplo). Sendo técnica e operacionalmente melhor, a *Kalashnikov* perde para a *G-3* em termos de durabilidade e resistência e ainda num outro ponto: não lhe era adaptado qualquer equivalente do mortífero dilagrama. Ambas têm calibre 7,62 e um alcance prático de 400 metros.]

É nesta terceira fase da Guerra de Angola, mais precisamente em Março de 1966, no Leste, que surge um novo movimento guerrilheiro: a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). Os seus ataques militares inaugurais dão-se em Dezembro de 1966: em Cassamba, no dia 4, e em Teixeira de Sousa, no dia de Natal. O seu chefe, o carismático vesgo Jonas Sidónio Malheiro Savimbi, é um ex-elemento do núcleo dirigente da UPA/FNLA, movimento do qual disside acusando Holden Roberto – uma figura sinistra, com os seus eternos óculos escuros e o seu português de tra-

pos – de ser "uma criação dos Estados Unidos". Contrariamente ao MPLA, e tal como a UPA/FNLA e a minúscula FLEC, a UNITA é um movimento tribalista: os *kwachas* são umbundos, por sinal, o maior grupo tribal angolano. A UNITA é também o único dos movimentos guerrilheiros que mantém a totalidade do seu aparelho dirigente dentro das fronteiras do país – o que lhe granjeará algum respeito, apesar de se saber do conluio com o poder militar português – e o único que pretende seguir os preceitos maoístas, o que se explicará se se tiver em conta que o seu núcleo duro inicial se formou na China, na Academia Militar de Nanquim.

A quarta e última fase do conflito armado entre militares portugueses e guerrilheiros angolanos dá-se a partir de 1968 e durará até 1974. Nesta última fase, o MPLA pretende passar à ofensiva aberta – o "estádio superior da guerrilha" – substituindo os seus pequenos grupos móveis por unidades de dimensão equivalente à das companhias portuguesas. Com unidades de cem homens, o MPLA propõe-se responder em força à pesada concentração militar portuguesa nos nós estratégicos do território. Nesta fase, é ainda o MPLA que carrega com o ónus da luta contra o Exército colonial[14], sendo aqui particularmente relevantes as acções que tinham por objectivo geral construir a chamada "Rota Agostinho Neto".

> [A "Rota Agostinho Neto", operação que, pela sua grande dimensão, e não só, de algum modo poderá sugerir a comparação contrastiva com a Operação Viriato, tinha por objectivo principal fazer a ligação entre o Leste, a III Região Militar, e o Norte, a I RM, criando na passada a IV Região Militar (Malange e Luanda). Esta movimentação guerrilheira ofensiva (e expansiva) começou a 18 de Março de 1968, no Leste, no Lumege, próximo desse Luso que é o centro da Zona Militar Leste portuguesa. O núcleo inicial de guerrilheiros

desta operação/campanha longa foi comandado por Pambassangue. Toda a operação de penetração iniciada no Lumege, a norte do rio Luena – e antes desenvolvida, em arranque, por três eixos que faziam os rios Lungué-Bungo e Luena, que sobem para o Lumege, e o rio Cassai, que desce de Teixeira de Sousa –, e prosseguida ao longo da linha dos caminho-de-Ferro de Benguela, teve dois comandantes: o primeiro, o negro Petroff, eslavização de Pitra (Santana André Pitra); o segundo, Iko Carreira, o "cabrito" confidente de Neto. O "conceito de manobra" desta operação consistia em pôr Certeza, ou Fura-Terra (o primeiro de dois grandes grupos sob o comando conjunto de Paulino Manuel e de Diazau), a actuar na zona de Luacarro-Cassage-Lumege-Nova Chaves-Cassai, região circundante de Teixeira de Sousa, e fazer actuar o segundo grupo guerrilheiro, denominado Lastro, ou Fura-Mato (dividido nas secções Sangue do Povo, dirigida por Cafuxe, e Pachanga, comandada por Chambassuku), na zona de Lumege-Buçaco, no próximo Nordeste do Luso. Para além das acções de Certeza e de Lastro, o grupo de vanguarda Grande Bomboko, chefiado por Cadete Kavunja e apoiado, nos flancos e na retaguarda, por Lastro, teve por missão chegar a Sautar, no distrito de Malange.

Boa parte dos objectivos propostos foram temporariamente alcançados, tendo a "Rota" representado a maior faixa de guerra com as tropas coloniais no Leste. Contudo, com a resposta portuguesa, a "Rota Agostinho Neto" foi obrigada a "recuar" e a rumar para sul, tendo sido praticamente desfeita quando, já em 1969, alguns dos seus principais acampamentos – Guevara, Ho-Chi-Minh, Chichima, Chiconde e Cavero – foram atacados e destruídos pelos militares portugueses.]

Quanto às outras organizações guerrilheiras, nesta penúltima fase da guerra, entre 1966 e 1968, o panorama geral é o seguinte:

– a UPA/FNLA, acoitada nos Dembos, tem uma fraquíssima quota bélica e, por vezes, parece considerar o MPLA como o inimigo principal. Para além dos combates militares na mata e das lutas verbais, políticas, nas instâncias internacionais, entre os dois movimentos, registem-se, por exemplo, as palavras de Agostinho Neto, numa conferência de imprensa dada em Brazzaville, em Janeiro de 1968: "No Congo-Kinshasa cerca de 100 membros do MPLA encontram-se presos no campo de concentração de Kinkuzu (base de UPA/FNLA), nome que se está a tornar tristemente célebre por causa das violências que ali são praticadas e, segundo os relatórios daqueles que conseguiram fugir, pelas prisões subterrâneas nas quais os prisioneiros se encontram na situação de sepultados vivos";

– a UNITA, em combinação – através dos "madeireiros" de Cangombe António Duarte e Zeca Oliveira – com os altos comandos portugueses, com destaque para o general Costa Gomes, propõe-se liquidar o MPLA no Leste. Deste modo, de inimigo táctico, e por troca com a tropa colonial, o MPLA torna-se em inimigo estratégico de Savimbi, inimigo esse que muitos anos mais tarde será a mão que o fará cumprir o seu destino – "O que vive da espada, morrerá pela espada" –, acabando por matá-lo na mata;

– a FLEC, de Ranque Franke – que é o "tampão" do MPLA em Cabinda, como a UNITA o é no Leste e os "fenelas", ou seja, a FNLA, é no Norte –, só combaterá os portugueses de forma minimamente consistente, como, por exemplo, em Belise, já no posfácio da guerra, na *paz quente* dos meses que se seguem ao 25 de Abril de 1974 (no que, aliás, se asse-

melha à UNITA, quando mata 19 soldados a 26 de Abril de 1974).

Entretanto, com a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) explorando habilmente as rivalidades étnicas – uma das grandes vulnerabilidades intra e inter movimentos de libertação angolanos, extensível à FRELIMO e ao PAIGC –, surge no Leste, em 1972, um grupo comandado pelo mestiço Daniel Chipenda, que disside do MPLA. É a chamada Revolta do Leste, mais um acontecimento que confirma "o culto da divisão" típico do MPLA. A organização de Chipenda – antigo estudante coimbrão e jogador de futebol da Académica de Coimbra –, apoiada pela Zâmbia, não tem, contudo, a dignidade de um verdadeiro movimento, uma vez que as suas estruturas são praticamente inexistentes. A debilidade organizacional do grupo de Chipenda não impede, porém, uma razoável eficiência combativa dos seus erráticos mas experientes esquadrões.

O FIM FRACO DA GUERRA

Em 1972 – dois anos antes do fim da guerra –, apesar de uma longa história de dissensões internas e de lutar não apenas, e essencialmente, contra o Exército colonial mas também contra a UPA/FNLA e a UNITA, e até contra a FLEC, o MPLA mostra-se, de novo, em fase de crescimento e confiante na sua luta. Lúcio Lara, o esquelético estalinista mestiço e braço-direito de Neto (um Neto que, curiosamente, também é vesgo como Savimbi – os dois "olhavam contra o governo", segundo a "voz da caserna", fazendo uso, aliás, de uma expressão comum à época), entrevistado pela *AfricAsia*, chega, exagerado, a afirmar: "Atingimos os limites superiores do estádio da guerrilha. Os nossos combatentes são hoje